



Construção da Escrita na Perspectiva do Estudante Protagonista

Alice Brito de Souza¹; Marilaine de Castro Pereira Marques²; Eunice Brito de Souza³; Aparecida Pacheco Gabriel⁴; Sidney da Silva Chaves⁵; Marlize Reffatti Zinelli Vizzer⁶

Resumo: Alfabetizar é mais que traçar letras, é um processo de construção sociocultural da criança, que ocorre de forma gradativa, de acordo com as condições pedagógicas ofertadas e o estágio de desenvolvimento em que se encontram. O objetivo geral da presente pesquisa foi apresentar alternativas pedagógicas, que podem favorecer a aprendizagem da criança na constituição da linguagem escrita na educação infantil. Os objetivos específicos foram: a) abordar a importância da Educação Infantil no que se refere a aprendizagem da escrita; b) apresentar o processo de construção da escrita pela criança; c) discutir sobre alternativas pedagógicas de construção da escrita na Educação Infantil, nas quais os estudantes sejam protagonistas. A pesquisa foi realizada sob os métodos indutivo, bibliográfico e descritivo, no período de março a setembro de 2020. No processo de construção da escrita, os professores precisam valorizar o que as crianças possuem em cada fase da vida, ou seja, sua leitura de mundo; utilizar metodologias ativas, materiais concretos, contextualizar os objetos do conhecimento para tornar as aulas significativas; levar em conta aspectos afetivos, cognitivos e sociais, envolvidos na aprendizagem da escrita e propor atividades que estimulam o pensar e à geração de habilidades essenciais para formação integral. Contar história a uma criança, ou ainda ouvi-la recontar a história ouvida e ser professor escriba, são estratégias para colocar as crianças em contato com o mundo da leitura e da escrita. Não existe um receituário de práticas infalíveis, mas há princípios norteadores para se auxiliar os professores em suas escolhas metodológicas.

Palavras-chave: Educação Infantil. Construção da escrita. Estudante protagonista.

Construction of Writing from the Perspective of the Protagonist Student

Abstract: Literacy is more than drawing letters, it is a process of sociocultural construction of the child, which occurs gradually, according to the pedagogical conditions offered and the stage of development in which they identified themselves. The general objective of this research was to present pedagogical alternatives that can favor the child's learning in the constitution of written language in early childhood education. The specific objectives were: a) to address the importance of Early Childhood Education regarding the learning of writing; b) present the child's writing construction process; c) discuss pedagogical alternatives for the construction of writing in

¹ Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Alta Floresta (FAF); E-mail: alicebritodesouza@hotmail.com;

² Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT); Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); Doutoranda no Programa Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento (PPGAD), no Centro Universitário do Vale do Taquari - Univates. Pesquisadora do grupo de pesquisa Comunicação, Educação Ambiental e Intervenções (Ceami/CNPq/Univates). Professora da Escola Estadual Dom Bosco de Alta Floresta - MT; Professora da Escola Estadual Militar do Corpo de Bombeiro Dom Pedro II de Alta Floresta - MT; Professora da Faculdade de Alta Floresta; E-mail: marilainecastro@hotmail.com;

³ Graduada em Pedagogia da Faculdade de Alta Floresta (FAF); E-mail: eunicebritodesouza6@gmail.com;

⁴ Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Umuarama (1989).; Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Alta Floresta (FADAF); Mestre em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES); Professora da Faculdade de Alta Floresta (FAF) e da Faculdade de Direito de Alta Floresta (FADAF).

⁵ Graduado em Letras e em História; Mestrando em Ciências da Educação; Professor da Faculdade de Alta Floresta (FAF) e da Faculdade de Direito de Alta Floresta (FADAF); Professor Efetivo da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso (SEDUC-MT). sidneydasilvachaves@gmail.com;

⁶ Graduada em Engenharia Florestal. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento (PPGAD) no Centro Universitário do Vale do Taquari - Univates.

Kindergarten, in which students are protagonists. The research was conducted using inductive, bibliographic and descriptive methods, from March to September 2020. In the process of writing, teachers need to value what children have at each stage of life, that is, their reading of world; use active methodologies, concrete materials, contextualize knowledge objects to make classes informative; take into account affective, cognitive and social aspects involved in learning to write and propose activities that stimulate thinking and the generation of essential characteristics for integral education. Telling a child a story, or even listening to him recount the story he has heard and being a scribe teacher, are strategies to put children in contact with the world of reading and writing. There is no prescription for infallible practices, but there are guiding principles to help teachers in their methodological choices.

Keywords: Early Childhood Education. Writing construction. Student protagonist.

Introdução

As constantes mudanças das sociedades contemporâneas, provocadas pelo fluxo de informações e conhecimentos, trazem indagações a respeito das necessárias adaptações que os seres humanos precisam fazer para lograr êxito em suas vivências. O setor da educação, como outros âmbitos de atividades humana, também está envolvido nesse processo e se questiona sobre o perfil dos professores que atenda a essas mudanças. Diante disso, busca abordar questões correlatas aos profissionais que atuam na educação infantil no contexto da contemporaneidade.

Quanto ao perfil desse profissional, entende-se que este deve saber organizar situações de construção de conhecimentos de forma intencional, para que as crianças desenvolvam suas identidades, pautadas no protagonismo, nas práticas de leitura e de escrita, num contexto de letramento, de interação, intervenção e ludicidade. O planejamento colaborativo com os alunos auxilia na promoção de práticas inovadoras e significativas. Para tanto o professor precisa saber como as crianças aprendem considerando sua bagagem cultural, familiar e biológica. “Os aprendizes ajudam uns aos outros a aprender, trocando saberes, vivências, significados e culturas. Trocando questionamentos seus, de seu tempo cultural, trocando incertezas, perguntas, mais do que respostas, talvez, mas trocando”. (ARROYO, 2000, p. 166.)

A educação cria possibilidades de desenvolvimento para os cidadãos, desde a esfera econômica, social e cultural, que permeiam a capacidade de inserção na comunidade, no campo do trabalho, de participação das políticas que lhe são de direito, proporcionando voz e vez ao indivíduo e também melhor qualidade de vida, permeando cada situação que este enfrentará. Dessa forma, o indivíduo não fica à margem da sociedade, pois é consciente de seu papel social, que o possibilitará o alcance do progresso, inovações e melhorias para a sociedade. Portanto, o

enfoque de formação deverá ser sempre oferecer uma educação de qualidade para o desenvolvimento humano dos estudantes.

“A Educação Infantil é uma etapa fundamental do desenvolvimento escolar das crianças” (BIAZIOLI, 2018, p. 1). Assim, ganhou um espaço amplo neste cenário. Se antes esse papel era de responsabilidade das famílias, com o avanço do processo de industrialização que colocou as mulheres no mercado de trabalho, houve a necessidade da criação de espaços que pudessem atender seus filhos. Desde então, muitos avanços foram obtidos e outros desafios exigem enfrentamento. Nessa etapa da educação, segundo Biazioli (2018), as crianças recebem informações sobre a escrita, brincam com o som das palavras e manuseiam diferentes tipos de materiais escritos, formando vínculo com a sociedade letrada.

Esse processo é um despertar provocado pelo interesse que surge na rotina diária, ao ver a mãe ler a receita de bolo, fazer a lista de compra, as placas de sinalização e os outdoors espalhados pela cidade. A curiosidade leva a criança na busca pela descoberta de cada traço ainda na educação infantil. “O letramento começa muito antes de a criança pegar um lápis ou conhecer as letras e as formas de escrever” (BIAZIOLI, 2018, p. 1). Esse se inicia a partir das vivências cotidianas com a família e sociedade. Os pequenos participam de tal prática em diversas situações, como no contato com materiais escritos em lugares diversos e de variadas formas, (BIAZIOLI, 2018).

A aprendizagem da linguagem oral e escrita é importante para as crianças interagir e aprender com outras pessoas, pois elas ampliam suas possibilidades de imersão e participação nas práticas sociais, proporcionando segurança para se expressar e descobrir diferentes gêneros culturais, (BIAZIOLI, 2018). Diante do exposto, busca-se responder ao seguinte questionamento: Que práticas pedagógicas podem ser viáveis para atender as necessidades de aprendizagem da criança na constituição da linguagem escrita na educação infantil?

A presente pesquisa se justifica pelo desejo de conhecer mais o processo complexo que é alfabetizar crianças, com base nos fundamentos que regem o desenvolvimento destas, bem como na necessidade de investir na formação profissional. O objetivo geral foi apresentar alternativas pedagógicas que podem favorecer a aprendizagem da criança na constituição da linguagem escrita na educação infantil. Os objetivos específicos foram: a) abordar a importância da Educação Infantil no que se refere a aprendizagem da escrita; b) apresentar o processo de construção da escrita pela criança; c) discorrer sobre alternativas pedagógicas de construção da escrita na Educação Infantil, nas quais os estudantes sejam protagonistas.

A pesquisa foi realizada sob o método de abordagem indutivo e métodos de procedimentos bibliográficos e descritivos, no período de março a setembro de 2020. Procedimento indutivo: Indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas (LAKATOS e MARCONI, 2007, p. 86). Segundo Gil (1999), as pesquisas descritivas têm como finalidade principal descrever as características de determinada população, fenômeno ou o estabelecer relações entre variáveis.

Na concepção de Marconi e Lakatos (2002, p. 71), a abordagem bibliográfica “abrange a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto”. Os dados coletados foram sistematizados de forma descritiva e os resultados da pesquisa podem ampliar conhecimentos e, por extensão, melhorar a formação profissional dos pesquisadores para o exercício do magistério, bem como contribuir com outros profissionais que se interessam pelo assunto.

Fundamentação Teórica

Dominar a escrita, assim como a leitura, demanda capacidades que são adquiridas no processo de alfabetização, o que inclui desde as primeiras formas de registro alfabético até a produção autônoma de textos. O desenvolvimento da criança nesse processo passa por concepções que serão desenvolvidas à medida que esta aprende a decodificar os sons e as letras, bem como, a refletir sobre o Sistema de Escrita Alfabética (SEA). Trata-se de uma dinâmica que passa por repetições e segmentações, que acontecem de forma sequencial e gradual na qual a criança aprende de forma paulatina, conforme o professor cria situações de aprendizagem e possibilidades de práticas pedagógicas que permitem o desenvolvimento, gerando assim aprendizagem significativa. No próximo tópico, abordar-se-á aspectos referentes a construção da escrita na Educação Infantil.

A Construção da Escrita na Educação Infantil

Em uma sociedade em que a escrita é tão valorizada, o contato das crianças com a cultura letrada acontece cada vez mais cedo, de forma que é apresentada como objetivo de aprendizagem já na educação infantil.

Para Rego (2006, p. 9),

O educar precisa garantir uma ação educativa consistente, considerando as especificidades da faixa etária, pois é nos primeiros anos de vida que se instala de forma marcante a relação da criança com o conhecimento. Nesse sentido, desde cedo à criança deve apropriar-se do conjunto de informações próprio da cultura, ampliando seus conhecimentos e experiências, para que se constitua como cidadã na sociedade contemporânea.

O professor da educação infantil enfrenta desafios quanto à linguagem escrita e ao projeto pedagógico a ser desenvolvido. De um lado as exigências e confrontação feitas pelas famílias e profissionais da educação; de outro lado, nem sempre conta com materiais concretos que os ajudem a desenvolver o lado criativo e investigativo das crianças, de modo que os professores são desafiados a organizar seus recursos didáticos e selecionar métodos de maneira eficiente para cumprir seus papéis. Sendo assim,

É tarefa urgente repensar a formação profissional de todos os que trabalham com crianças até seis anos em creches e pré-escolas. A inclusão da creche no sistema de ensino acarretou uma série de debates sobre o que é a função docente e como preparar professores com perfis que respondam mais adequadamente à diversidade de situações presentes na educação de crianças, desde o nascimento, em instituições educacionais, (OLIVEIRA, 2002, p. 23).

É prioritário que existam professores com excelente formação para que haja uma aprendizagem significativa dos estudantes, com a qualidade social que o século XXI requer. Antes da criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9394/96, a creche possuía uma característica assistencialista; já hoje ela é educacional. Por isso, há necessidade de investir na formação dos professores da Educação Infantil, para que estes tenham perfil para atender as particularidades de direitos de aprendizagens das crianças.

Alfabetizar é mais que traçar letras, é trabalhar com a criança levando em conta sua capacidade de transformação. A criança, em sua aprendizagem, interessa-se em ver algo acontecer, modificar-se, para dominar e ser capaz de entender. Nessa construção, ela vai descobrindo e redescobrando as coisas, à medida que se desperta para o conhecimento. Acontece por exemplo, quando reconhece as cores e os objetos da sala, entendendo por meio dessa identificação, que cada coisa possui um nome e uma função. “A aprendizagem da linguagem escrita é muito mais que a aprendizagem de um código de transição: e é a construção de um sistema de representação,” (FERREIRO, 1994, p. 102).

Na concepção de Abramovay (1985),

Alfabetizar não se restringe a aplicações de rituais repetitivos, de escrita, leitura e cálculo, mas começa no momento da própria expressão, quando as crianças falam de sua realidade e identificam os objetos que estão ao seu redor. Alfabetizar não se confunde com um momento que se reinicia repentinamente, mas é um processo em construção.

Para Moll (2009, p.179),

A Alfabetização é um processo de construção do conhecimento e, como tal, é desencadeada pela “interação” entre o educando e objeto de conhecimento [...] transcende a escolha e à execução de um método de ensino; é um processo multifacetado no qual se confrontam a língua escrita, o educando e a intervenção didática do espaço escolar.

Por sua vez, Soares (1985), afirma que o conceito de alfabetização depende de características culturais, econômicas, e tecnológicas, ou seja, uma teoria coerente de alfabetização deve incluir a abordagem ‘mecânica’ do ler/escrever, o enfoque da língua escrita como um meio de expressão/compreensão, com a especificidade e autonomia em relação à língua oral, e ainda, os determinantes sociais das funções e dos fins da aprendizagem da língua escrita.

“Ao participar de situações pedagógicas que promovam o discurso, o diálogo, as indagações e os questionamentos, o sujeito pensa e reflete sobre sua escrita e, aos poucos, desenvolve habilidades cognitivas” (SMOLKA, 2001, p. 84). “A criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve história, está rodeada de escritos e percebe sua função, mesmo sem ler, faz parte do mundo letrado” (Soares,1998, p. 23). Dessa forma, as crianças ao observarem pessoas mais experientes lendo e escrevendo por, incorporam os papéis sociais de leitor e escritor, até serem capazes de ler e escrever para si e para os outros (Smolka, 2001). Para auxiliar de forma coerente as crianças no caminho da alfabetização, é indispensável que o professor compreenda a complexidade da questão, que será discutida a seguir.

Processo de Construção da Escrita na Educação Infantil

A complexidade do alfabetizar é fato concreto no cotidiano escolar frente às exigências da sociedade e dos desafios ligados ao desenvolvimento da habilidade do domínio da leitura e escrita. É fundamental que o professor seja capaz de: desconstituir e constituir sua metodologia

e seu plano de aula até que a criança consiga desenvolver o conhecimento; não ignorar as dificuldades, nem taxar de incompetente ou qualquer adjetivo; favorecer os alunos com alternativas que facilitem a aprendizagem; ter um olhar atento para o processo de ensino aprendizagem na alfabetização e letramento.

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, possui papel primordial na vida da criança por propiciar o desenvolvimento, físico, mental e social. Sabe-se que através de atividades lúdicas e significativas, a criança aprende e se desenvolve social e intelectualmente. Contudo, o professor precisa compreender que cada uma aprende num tempo diferente, sendo também, essa aprendizagem, muito diversas das crianças de gerações passadas. Por isso, também, as velhas metodologias não funcionam mais com esse público. É incoerente ensiná-las da mesma forma que se fazia com as gerações de décadas passadas, visto que cada criança possui uma biologia, uma cultura e uma bagagem familiar diferente, conforme já mencionado anteriormente neste artigo.

A alfabetização é um dos objetos centrais na educação infantil. Quando uma criança é bem alfabetizada, ela terá muito mais chance de se sair bem nas próximas etapas de estudos. Por outro lado, quando a criança sai da Educação Infantil sem desenvolver as habilidades e competências básicas de leitura e escrita, sua vida escolar tende a se tornar muito mais difícil. Para Dolzan (2001), por se viver numa sociedade que se organiza também pela escrita, onde ler e escrever são instrumentos de comunicação, de construção de competências, de manifestação e apropriação da cultura, é preciso pensar a alfabetização na educação infantil como um direito da criança, (DOLZAN, 2001). É preciso primar pela garantia desse direito, que influencia diretamente na sua cidadania.

É mister compreender e discutir com veemência como esses aspectos da alfabetização devem acontecer, para suprir as necessidades das crianças na perspectiva da prática pedagógica. Para Vygotsky (1991, p. 133) ensinar a escrita nos anos pré-escolares impõe necessariamente que esta seja necessária à vida. Quanto a essa produção, Ferreiro (2001, p.16) esclarece que:

Os indicadores mais claros das explorações que as crianças realizam para compreender a natureza da escrita são suas produções espontâneas, entendendo como tal as que não são o resultado de uma cópia (imediate ou posterior). Quando uma criança escreve tal como acredita que poderia escrever certo conjunto de palavras, está nos oferecendo um valiosíssimo documento que necessita ser interpretado para poder ser avaliado.

A criança no processo de alfabetização em contexto de letramento possui suas características específicas para desenvolvimento da leitura e da escrita e do uso social da língua.

Compete ao professor explorar seu conhecimento empírico acerca dos temas abordados e depois lhes apresentar o conhecimento científico, que se solidifica através da escola, por meio de relações entre teoria e prática, percorrendo os níveis de aprendizagem da escrita, de forma gradual, conforme indicado no quadro 01.

Quadro 01: Processo de construção da escrita pela criança

Níveis de construção da escrita	Características dos níveis	Faixa etária da criança
Garatujas	Os níveis das garatujas, quando a criança traça círculos, fazem ondas e desenvolve alguma escrita	0 a 2 anos
Pré-silábico	Nível pré-silábico, fase gráfica primitivas símbolos e pseudólitas, mistura entre letras e números. As crianças escrevem letras, bolinhas e números, como se soubessem escrever, sem uma preocupação com as propriedades sonoras da escrita.	4 a 6 anos
Silábico	Nível silábico é a descoberta de que a quantidade de letras com que vai escrever uma palavra pode ter correspondência com a quantidade de partes da pronúncia oral os chamados “pedaços sonoros” (sílabas), a criança faz corresponder uma grafia a cada sílaba a criança já aceita palavras com uma ou duas letras. Esse nível representa um salto qualitativo da criança, que supera a etapa da correspondência global entre a forma escrita e a expressão oral atribuída	6 a 7 anos
Silábico alfabético	Por fim nível silábico alfabético nesse nível existe duas formas de correspondência entre sons e grafias: silábica (sílaba é o som produzido por uma só emissão de voz) e alfabética (análise fonética ou análise dos fonemas, que são os elementos sonoros da linguagem e têm nas letras os seus correspondentes). A criança escreve parte da palavra aplicando a hipótese silábica, de que para se escrever uma sílaba é necessária apenas uma letra. Costuma usar somente as vogais, porque combina com uma porção de palavras, mas para elas em uma palavra, não pode repetir a mesma letra duas ou mais vezes na escrita, pois assim o resultado será algo “não legível”. Nesse nível, a criança já começa a acrescentar letras na primeira sílaba.	7 anos

Fonte: Das autoras, a partir das proposições de Ferrero (2001).

Ao observar o quadro acima, conclui-se que é importante que a criança viva cada um dos níveis de construção da escrita e que o professor saiba respeitar os tempos e ritmos de cada uma para que o aprendizado seja coerente e não deixe lacunas cognitivas. Existem diversas maneiras de alfabetizar uma criança, sendo necessário que os profissionais da Educação Infantil fiquem atentos para explorar de formas variadas, a fim de atender as características de cada estudante. Para Moraes (2012, p.27).

[...] os métodos tradicionais de alfabetização que conhecemos, apesar das diferenças que apresentam, tem uma única e comum teoria de conhecimento subjacente: a visão empirista/associacionista de aprendizagem. Segundo essa perspectiva, o aprendiz é uma tábula rasa e adquire novos conhecimentos (sobre o alfabeto) recebendo informações prontas do exterior (explicação sobre letras e sons) que, através da repetição do gesto gráfico (cópia) e da memorização (das tais relações entre letra e som), passariam a ser suas.

Pelo exposto, ao fazer seu planejamento, é relevante que os professores se questionem sobre que sujeitos pretendem formar, se os métodos e recursos escolhidos contribuem para o alcance dos objetivos traçados, se os instrumentos de avaliação estão coerentes com as práticas desenvolvidas e com os princípios da educação emancipadora, que vem influenciando as políticas públicas de educação e os currículos escolares na pós-modernidade. É preciso refletir sobre o que se pretende fazer durante a prática que está sendo desenvolvida e avaliar os resultados com o objetivo de intervir, quando necessário, junto aos alunos que precisam de outros métodos para aprenderem.

Aprendizagem da Escrita na Educação Infantil: Alternativas Pedagógicas

Os professores de hoje foram alfabetizados numa abordagem diferente da que está sendo proposta para os alunos na atualidade. Os alunos que chegam nas escolas nos dias atuais são sujeitos diferentes, vivendo em um tempo diverso daquele que seus professores foram alfabetizados. Por essa razão, esses alunos requerem novas abordagens que levem em conta o contexto em que vivem, suas formas de pensar e de agir, bem como seus anseios e desafios.

Os métodos passivos já não respondem às necessidades do cidadão que vive num mundo globalizado, no qual as coisas tornam-se obsoletas em um tempo cada vez menor e o cotidiano exige tomada de decisões rápidas e criativas. A escola está inserida nesse contexto e precisa acompanhar suas múltiplas transformações. O professor, por sua vez, precisa se qualificar para ter conhecimento do que é novo, daquilo que pode ser transformado e construir com os alunos uma metodologia que seja acessível a todos. A aprendizagem na educação infantil deve acontecer com intencionalidades e inferências do professor.

É preciso desafiar os alunos com metodologias ativas, que instiguem os alunos a buscarem informações em fontes variadas e a manejar estratégias que estejam de acordo com seus interesses e afinidades, pois os estudantes devem ser sujeitos ativos nesse processo. Na visão de Morais (2012, p.181), “ensinar de forma cuidadosa e explícita o sistema de escrita

alfabética (SEA) se coloca hoje, como uma medida urgente para reinventarmos as metodologias de alfabetização que usamos em nosso país”.

É necessário sempre considerar que cada criança é um ser singular e que em toda turma existe um aluno que possui alguma dificuldade de aprendizagem ou necessita de um tempo maior para desenvolver alguma habilidade. Então, antes de fazer qualquer diagnóstico da criança ou rotulá-la, devem-se investigar as dificuldades relacionadas à aprendizagem, pois talvez ela só necessite de uma metodologia diferenciada, ou seja, de uma intervenção potente e direcionada. Para isso acontecer, é essencial que o professor faça análise do seu trabalho, observando o que não tem sido fácil para pôr em prática. Essa análise é necessária para se verificar os aspectos que necessitam de ajustes e, assim, identificar as melhores estratégias a serem aplicadas em cada caso. Destaca-se que inúmeras crianças chegam ao final do ensino fundamental sem ainda estarem alfabetizadas. Tal constatação indica a necessidade de se aumentar os cuidados com a alfabetização desde os primeiros anos de escolarização.

Spodek e Saracho (1998, p. 75) afirmam que,

Os professores devem evitar dizer para as crianças o que elas devem saber, direta ou indiretamente. Ao invés disso, eles devem planejar atividades que ofereçam oportunidades de pensar, relacionadas à manipulação de materiais concretos e à geração de habilidades conceituais.

Ao escolher um livro didático, o professor deve assegurar se este material amplia as oportunidades de aprendizagem do aluno. É importante que o livro escolhido ofereça abertura para a criatividade do docente e até indique atividades de como utilizar materiais variados que corroboram para a aprendizagem do aluno, tais como: massinhas, gravuras, material dourados e recicláveis, caixa de leite, tecidos antigos entre outros.

Para Dias (2000, p. 98),

São encontradas práticas na educação infantil que reduzem a alfabetização a uma aprendizagem mecânica que limita a criança à execução de tarefas de preparação para a primeira série, como se coubesse somente a esta série a responsabilidade da alfabetização, o que a descaracteriza como um processo contínuo, conforme tem mostrado as teorias e estudos recentes.

A criança precisa participar dos processos de escolarização, sendo que a Educação Infantil vai de zero a cinco anos; com quatro anos a criança deve estar matriculada na escola. É nítido o desenvolvimento cognitivo e motor de uma criança que começa a aprender cedo através dos jogos e das atividades lúdicas. Para Ferreiro (2011, p.22), “as crianças a partir de seus quatro

anos têm basicamente, noções das funções da escrita para nomear, mostrar, indicar, informar, comunicar, mas esta noção é muitas vezes treinada pela maneira como a escrita é apresentada na escola”. Portanto muitas vezes o que ocorre é o mesmo ritual da decoreba, relacionar a grafia às figuras visuais.

Desde que nascemos, vamos aprendendo a ler o mundo em que vivemos. Lemos no céu as nuvens que anunciam chuva, lemos na casca das frutas se elas estão verdes ou maduras, lemos no sinal de trânsito se podemos ou não atravessar a rua. E, quando aprendemos a ler livros, a leitura das letras no papel é outra forma de leitura, do mesmo mundo que já líamos, antes ainda de sermos alfabetizados (FREIRE, 1988, p.5-6).

De acordo com Freire (1983, p. 25), “quando uma criança brinca, joga ou desenha, ela está desenvolvendo a capacidade de representar, de simbolizar. É construindo suas representações que as crianças apropriam da realidade”. A criança produz história, reconta e recria a ordem da história ouvida, esta interação de conhecimentos se faz sob a medição de seus próprios saberes, descrevem o mundo da forma que o compreende a interação com ele. Ela brinca de imitar a escrita, de formas verbais e visuais e este desejo é fruto da interação que a criança tem com a cultura escrita, pois, segundo Rocha (1999, p. 50) a criança “desde muito cedo, é capaz de estabelecer interlocuções significativas sobre o texto escrito e sobre o próprio processo de revisão”.

“A partir desta convivência, a criança vai elaborando seu conceito de língua escrita, compreendendo as diferentes funções do ler e escrever, ampliando seu conhecimento de letras e números, aprendendo a fazer distinções quanto ao gênero e portadores de textos”, (SOARES, 2009). A prática pedagógica precisa priorizar situações significativas à cultura letrada e à cultura infantil.

[...] essa introdução ao mundo da escrita, na escola, não se caracteriza como um momento inaugural de entrada em um mundo desconhecido: embora ainda “analfabeta”, a criança já tem representações sobre o que é ler e escrever, já interage com textos escritos de diferentes gêneros e em diferentes portadores, convive com pessoas que leem e escrevem, participa de situações sociais de leitura e de escrita [...] (SOARES, 1999, p. 69).

Com os avanços tecnológicos, a criança está cada vez mais em contato com o ambiente da leitura e da escrita, a facilidade com que domina um aparelho celular e a TV a cabo reitera isso. A instituição de ensino deve levar em consideração que o direito a ter acesso ao mundo da linguagem escrita não pode substituir o direito que a criança tem de ser criança. Uma

metodologia que respeita essas duas faces são os projetos lúdicos, partindo da literatura infantil ou mesmo de um desejo da turma é possível instiga-las, investigar junto a elas, utilizar brincadeiras escolhidas pela turma, incentivá-la a usar a imaginação e brincadeiras livres. Vale destacar que nesse processo é importante para a constituição de um ambiente adequado, no qual a criança se sinta parte da história e dentro do contexto.

Valorizar o que a criança possui de genuíno nesta fase da vida é construir com ela o universo onde vive; é permitir que descubra, reinvente e construa com suas habilidades o seu meio. Nesse sentido é que se apregoa que não se pode forçar um conhecimento antecipado, se a criança não estiver preparada para recebe-lo, pois este pode prejudicar a evolução intelectual da criança posteriormente. Contar história a uma criança, ou ainda ouvi-la reconta-la e ser professor escreva, é colocar essa criança em contato com o mundo da leitura e da escrita. Não existe um livro de receitas prontas com práticas inovadoras que sirvam para ensinar de maneira uniforme todas as crianças, mas alguns princípios - que já foram discutidos - que orientam a busca das práticas mais adequadas para ajudar cada criança a ser protagonista da sua aprendizagem.

Considerações

Nas últimas décadas, surgiram mudanças significativas na educação infantil, principalmente quando se fala sobre o papel que esta exerce na vida das crianças. A creche surgiu com uma função assistencialista, de cuidar das crianças enquanto suas mães trabalhavam. Contudo, atualmente, por determinação de lei, tal instituição também deve cumprir um papel formativo, que inclui o desenvolvimento de habilidades e competências específicas para a alfabetização.

Ao analisar as bases teóricas atribuída às interações sociais na produção do conhecimento, entende-se que a aprendizagem ocorre não só a partir das relações aluno/professor, esta relação é estabelecida muito antes, na vivência do dia a dia das crianças. Nesse contexto, a prática pedagógica é vista como todas as interações que englobam os métodos educativos, juntamente com os resultados da ação docente.

O professor deve considerar a concepção do que deseja formar em torno da alfabetização e do letramento, primando pela aprendizagem significativa e o protagonismo dos alunos. Para tanto, deve planejar aulas interessantes, que chamem a atenção das crianças, com materiais concretos e de forma contextualizada. É importante que a criança viva cada um dos níveis de

construção da escrita e que o professor saiba respeitar os tempos e ritmos de cada uma, para que o aprendizado seja coerente e não deixe lacunas cognitivas.

Entende-se que o trabalho voltado para a prática de leitura e escrita, principalmente na educação infantil, exige estratégias diferenciadas para a aprendizagem em cada área específica. Esse compromisso deve surgir de cada professor para fluir positivamente em vários aspectos da educação. Desse modo, valorizar o que a criança possui de genuíno nesta fase da vida é construir com ela; é permitir que descubram, reinventem e construam com suas habilidades, e não forçar um conhecimento antecipado. No processo de construção da escrita, os professores precisam valorizar o que as crianças vivenciam em cada fase da vida, por exemplo, sua leitura de mundo. Tendo esse conhecimento, poderá utilizar metodologias ativas, materiais concretos e contextualizar os objetos do conhecimento para tornar as aulas significativas. Além disso, levar em conta aspectos afetivos, cognitivos e sociais, envolvidos na aprendizagem da escrita, e propor atividades que estimulam o pensar e gerar habilidades essenciais para formação integral. Enfim, buscar práticas mais adequadas para ajudar cada criança a ser protagonista da sua aprendizagem.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam, KRAMER, Sônia. Alfabetização na pré-escola: exigência ou necessidade. **Cadernos de Pesquisa**, n. 52, p. 103-108, jan. 1985.

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BIAZIOLI, Angélica. **A importância do letramento na Educação Infantil**. 2018. Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/blogs/blog-dos-colegios-salesiano-liceu-coracao-de-jesus/a-importancia-do-letramento-na-educacao-infantil/>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

CAMARGO, Gislene; CARDOSO, Marina Vieira; MONTEIRO, Fernanda Miranda. **A escrita e a leitura na educação infantil: uma perspectiva de letramento**. 2011. Disponível em: <periodicos.unesc.net/lendu/article/download/2607/2447>. Acesso em: 11 jul. 2019.

DIAS, Cleuza Maria Sobral. **Alfabetização na educação infantil: encontros e (des) Encontros**. Anos: NEPE/DECC) Rio Grande, out-2000. In: MOTA, Maria Renata A. & ALBUQUERQUE, Simone S. **Educação Infantil em Debate** (Anais do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação de 0 a 6 Melhoramentos, 2012.

DOLZAN, Cecília. **Alfabetização e educação infantil**. vol.2, revisada e atualizada. Porto Alegre SC. Mediação, 2001.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. Tradução Horácio Gonzales (et. al.), 24. Ed. Atualizada – São Paulo: Cortez, 1994.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**: relato de uma professora. 13. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 22.ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1988.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. 5. reimp. São Paulo: Atlas, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização possível**: reinventando o ensinar e o aprender. 8º edição São Paulo, n.52, 1985.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo. Editora n.5, Jul-dez. 2001.

OLIVEIRA, Zilma Ramos. **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo. SP: Cortez, 2002.

REGO, Maria Carmem Freire Diógenes. Desafios na formação do educador infantil. *In*: **Entrelaçando vivências e saberes na educação infantil**. Natal: UFRN/Nei, 2006.

ROCHA, Gladys Agmar Sá. **A apropriação das habilidades textuais pela criança**: Fragmentos de um percurso. - Campinas, S.P: Papyrus, 1999.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: a Alfabetização como processo discursivo** - 10 ed. - São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

SOARES, M. Alfabetização e letramento na educação infantil. **Revista Pátio Educação Infantil - Ano VII - Nº 20 - Oralidade, alfabetização e letramento** - jul./Out, 2009 Artmed.

SOARES, M. Aprender a escrever, ensinar a escrever. *In*: ZACCUR, E. **A magia da linguagem**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

SOARES, Magda B. As muitas facetas da alfabetização. **Cadernos de Pesquisa, prática alternativa em alfabetização**. 3º ed. São Paulo. Ática, 1991

SPODEK, Bernard; SARACHO, Olívia N. **Ensinando crianças de três a oito anos**. Trad. Cláudia Oliveira Dornelles. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VYGOTSKY, L.S. **Formação social da mente**. Trad. José Cipolla Neto et alii. São Paulo, Martins Fontes, 1991.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

SOUZA, Alice Brito de; MARQUES, Marilaine de Castro Pereira; SOUZA, Eunice Brito de; GABRIEL, Aparecida Pacheco; CHAVES, Sidney da Silva; VIZZER, Marlize Reffatti Zinelli. Construção da Escrita na Perspectiva do Estudante Protagonista. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Julho/2021, vol.15, n.56, p. 678-692, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 16/07/2021;

Aceito 28/07/2021.